

# Tecnologia e humanismo: avaliação crítica dos objetivos do sistema educacional brasileiro

Palestra proferida no XI Congresso de Professores Evangélicos de 2.º Grau, a 6 de junho de 1975, em Panambi, RS

Walter Altmann

Quando abordamos o tema “tecnologia e humanismo”, trata-se a rigor de analisar a partícula “e”. Quais seriam as possibilidades de relacionamento dessas duas grandezas, “tecnologia” e “humanismo”? Qual a sua respectiva dose de acerto e erro? Fundamentalmente poderíamos distinguir quatro posições. A primeira dá ênfase na tecnologia, postulando-a como uma necessidade e pressupondo sua utilidade para o homem. A segunda acentua o valor e a dignidade do homem, pressupondo inversamente o perigo, se não o malefício, da tecnologia e postulando a possibilidade de o homem dela se libertar. A terceira visa a coordenar positivamente o homem e a técnica, no empenho de capacitar o homem à utilização da técnica e de colocar a técnica a serviço do homem. Finalmente, a quarta posição vê homem e técnica num condicionamento mútuo e numa relação de tensão permanente. Abordaremos as quatro posições, tendo em mente, a princípio mais implícita, ao fim mais explicitamente, a relevância do assunto para o sistema escolar e o modelo educacional brasileiro.

## — I —

A técnica é produto da inventibilidade do homem, é o “esforço para poupar esforço” (1). Ela caracteriza aquele estágio do desenvolvimento do homem, em que ele se apropria da natureza e a domina (2). Reside aí o fascínio que exerce sobre nós cada nova conquista da técnica, cujo símbolo para nós é aquele “pequeno passo para um homem” e “grande passo para a humanidade”, ocorrido quando o primeiro ser humano pisou o solo lunar (3). Dela esperamos também, ansiosamente mas com convicção, a vitória sobre as ameaças que ainda nos atingem, como o câncer. A técnica previne doenças, nos prolonga a vida, cria instrumentos de produção cada vez maior, proporciona conforto.

Pressupõe-se que a técnica seja benéfica para o homem. Já os poucos exemplos acima parecem comprová-lo. E, de fato, não

1 — José Ortega y Gasset, *Meditação da técnica* (Rio de Janeiro, 1963), pág. 27. O original espanhol data de 1939.

2 — O filósofo das religiões russo Berdiaev distinguiu três fases no desenvolvimento da humanidade: a época orgânica, em que o homem está envolvido pela natureza; a época cultural, em que o espírito do homem se separa da natureza; finalmente a época técnica, em que o homem se apodera dela e a domina. Cf. Hans-Rudolf Müller-Schwefe, *Technik als Bestimmung und Versuchung* (Göttingen, 1965), pág. 3-11.

3 — Essas foram, se não me falha a memória, as palavras do astronauta Neill Armstrong ao se tornar o primeiro homem na Lua.

há quem quisesse renunciar a todas as conquistas da técnica: a roupa que vestimos, o livro que lemos, a condução que tomamos, o rádio que ouvimos — quando em nossa vida não estamos fazendo uso de algo que a técnica nos proporciona? Eu disse: pressupõe-se um valor positivo da técnica. Os países desenvolvidos têm muita técnica, os subdesenvolvidos têm pouca. E a técnica poderia resolver os nossos problemas, pensa-se. O assim chamado “modelo brasileiro” de desenvolvimento, concebido pelo Ministro da Fazenda do governo Médici, Delfim Netto, tinha como pano de fundo exatamente essa pressuposição otimista. “No seu sentido mais alto ela (a tecnologia) é *know how* — a transposição da situação-problema para a solução” (4). Onde estão os limites da técnica? A rigor não os há, supõe-se. Todas as utopias passam a ser possibilidades conversíveis em realidade. “O lugar dos sonhos é tomado pela realidade” (5). Graças à tecnologia, começa a se concretizar a substituição do trabalho pelo lazer (6). A máquina fará o trabalho, o homem poderá fazer aquilo em que tem prazer, desenvolvendo sua criatividade, em vez de lutar por seu sustento. E se um país como o nosso ainda está muito longe desse estágio, tanto mais indispensável — assim parece e se estabelece — a utilização decidida, neutra, dos recursos técnicos. Toda ênfase na profissionalização dada na reforma educacional tem, a meu ver, como premissa esse otimismo, segundo o qual o homem pode se confiar ao mecanismo e ao sistema tecnológico.

Onde estão os limites? Penetramos já decididamente na era dos computadores, na cibernética. “A ‘cibernética’ apresenta-se ao técnico ... como a técnica dos aparelhos que se controlam e se regulam a si mesmos.” “É a ciência dos automatismos, simplesmente” (7). “Autômatos calculam e tomam decisões, transfere-se assim à máquina o que antes era trabalho consciente, e temos de convir em que a máquina, criação do nosso espírito, é, sob muitos aspectos, mais eficiente que o homem” (8).

## — II —

O mais tardar aí, surge também o nosso mal-estar. Construindo uma máquina mais inteligente e eficiente do que nós, capaz de decisões próprias, não estaríamos assinando nossa própria sentença de condenação? Como poderíamos nos precaver da possibilidade de que tal máquina se voltasse contra nós, subjugando-nos a ela? Como poderíamos impedir que ela concretizasse em relação a nós aquele sonho que os homens alentamos em relação a Deus: destroná-lo? (9) Teríamos mediante a técnica vencido a ameaça da natureza, para ficarmos impotentes diante da ameaça da própria técnica?

4 — Rubem Alves, “Tecnologia e humanização”, em: Paz e Terra, núm. 8, 1970, pág. 10.

5 — Müller-Schwefe, o. c., pág. 23.

6 — Cf. Harvey Cox, A cidade do homem (Rio de Janeiro, 1968), pág. 185-210; também Ortega y Gasset, o. c., pág. 31-33.

7 — Egmond Hiller, Humanismo e técnica (São Paulo, 1968), pág. 24.

8 — *Ibid.*

9 — Cf. Gn 11, 1-9, a construção da torre de Babel.

Creio que nesse ponto sentimos uma dimensão inerente a todo empenho tecnológico, a qual, no entanto, preferimos não perceber, porque nos é mais cômodo viver na ilusão do benefício irrestrito do que na realidade do risco. Não suportamos a ameaça. Já Ortega y Gasset indicava que o “esforço para poupar esforço é esforço” (10). E o sociólogo Herbert Marcuse formulou assim: “A força libertadora da tecnologia — a instrumentalização das coisas — se inverte numa algema da libertação, torna-se a instrumentalização do homem” (11).

Trata-se aqui de que todo empreendimento do homem para ser significativo tem que possuir uma logicidade, isto é, ele constitui um sistema. Como tal, contém leis inerentes ao próprio empreendimento, que devem assegurar sua funcionalidade, perduração e desenvolvimento (12). A rigor se trata de algo facilmente verificável. Tendo o veículo a motor substituído o carro a tração animal, já não se pode mais utilizar o último, pois fica paradoxalmente anti-econômico. O novo sistema tornou obsoleto o anterior. (Se alguém tivesse querido vir de carroça a esta reunião, provavelmente não teria tido o tempo necessário; caso tomasse o tempo, lhe sairia muito mais caro.) Com o transporte aéreo de passageiros, o transporte marítimo fica condenado. Uma fábrica adquire uma moderna máquina, sua rival deverá fazer o mesmo, para não sucumbir sob a concorrência, mesmo que essa máquina acarrete, em vez do lazer, o desemprego, como costuma acontecer em países subdesenvolvidos. A possibilidade técnica tornada realidade passa a ser uma necessidade.

Observa-se assim que a tecnologia não é mais instrumento para um fim, mas “os fins são o funcionamento” (13) do próprio sistema tecnológico. Aí não há lugar para se perguntar pelo homem. Por exemplo, o comércio depende da venda; não pode perguntar pelo homem que demanda suas ofertas, para averiguar se de fato correspondem às suas necessidades e alcance; ao contrário, faz propaganda para convencê-lo da compra. A indústria ao empregar novos operários não averigua quais os que mais necessitam do trabalho, mas os que mais podem produzir. Se, por exemplo, a indústria automobilística começa a sofrer sob a retração do mercado, como agora acontece, nem por isso se pode dentro do sistema funcional levantar a tese de que não são necessários automóveis, que o transporte coletivo seria muito mais eficaz e menos oneroso. Ao contrário, sendo uma peça básica do sistema, é preciso dilatar prazos de financiamento, reduzir a tributação, etc., para garantir a funcionalidade. Que o sistema se torna independente do homem posso exemplificar na máquina com que escrevo esta palestra. Ela é um modelo mais recente de uma máquina anterior, que vendi quando fui estudar na Alemanha. O modelo novo é evidentemente

10 — O. c., pág. 27.

11 — Citado em: Jürgen Habermas, *Technik und Wissenschaft als Ideologie* (Frankfurt, 1970), pág. 7.

12 — Cf. o conceito de “Eigengesetzlichkeit” na *Theologische Ethik* de Helmut Thielicke, por exemplo tomo II/2 (Tübingen, 1958), pág. 164-172.

13 — Rubem Alves, o. c., pág. 13, baseando-se em Marshall McLuhan.

mais fraco. A fragilidade foi programada, porque o sistema de fabricação, para continuar subsistindo e se expandindo, necessita da reposição de seus produtos em prazos cada vez mais curtos.

Conseqüentemente, o homem é enquadrado nesse sistema como uma peça. Se a técnica, de meio passou para fim, o homem, de fim passou para meio (14). "Portanto, o homem deve funcionar, de preferência como uma máquina. Desagradável é, apenas, que ele é uma máquina que funciona mediocrementemente" (15). O homem passa a ser então também um objeto entre outros para a pesquisa tecnológica. Experimenta-se até onde vão as capacidades, resistências e funcionalidade do ser humano. Outra vez a astronáutica nos dá o melhor exemplo concreto. Aí o ser humano é submetido às condições mais extremas e adversas, a fim de testá-lo. Mas também os transplantes cardíacos, iniciados há alguns anos, foram um tal teste. Se posteriormente os transplantes foram suspensos, não o foi porque a ciência e a técnica tivessem fracassado, mas porque o homem não foi aprovado no teste de experimentação. A ciência e a técnica procuram agora novos meios que possam fazer com que o homem resista futuramente. Assim se experimenta agora a implantação de um segundo coração.

É evidente que o experimento com o homem não tem a finalidade única da própria experimentação. Prolongamento da vida, descoberta de novos recursos, etc. acompanham. Mesmo assim, permanece o fato da experimentação. E nos dois exemplos apontados (astronáutica e transplante cardíaco) pode-se perfeitamente perguntar, se se trata de necessidades do homem que estão em jogo, ou se não são necessidades de desenvolvimento do próprio mecanismo tecnológico os fatores decisivos (16). Os meios de comunicação — jornal, rádio, televisão — não simplesmente informam e entretêm o homem, mas igualmente o submetem às mais diversas influências e condicionamentos através da propaganda psicologicamente estudada e dos valores explícitos ou, mais freqüentemente, implícitos na programação. "Talvez nos horrorizemos com este pensamento de que se pode manipular assim o homem. Isso, porém, é simples conseqüência. Lidamos com a natureza como material, e lidamos com o homem da mesma forma" (17).

Entende-se então o protesto, em nome do homem, contra a tecnologia. O otimismo tecnológico cede lugar ao ceticismo, à crí-

14 — Idem, pág. 16: "Porque o funcionamento do sistema se transformou em fim, são as necessidades que se transformam em meios." Pág. 17: "As exigências da eficácia funcional integram o homem dentro de sua lógica."

15 — Müller-Schwefe, o. c., pág. 15.

16 — A experimentação chega a extremos como a seguinte, denunciada pela Comissão Rockefeller, instituída pelo governo americano, para apurar as irregularidades cometidas pela Agência Central de Inteligência (CIA). A referida agência desenvolveu de 1953 a 1963 um programa para "experimentar a influência dos narcóticos sobre os seres humanos. Os narcóticos eram ingeridos por pessoas utilizadas como 'cobaias' sem que estas tivessem qualquer conhecimento do caso" (Correio do Povo, 11-6-75, pág. 2). É sabido também que guerras locais são freqüentemente utilizadas ou até mesmo instigadas por necessidades tecnológicas de desenvolvimento e experimentação de armas.

17 — Müller-Schwefe, o. c., pág. 16.

tica, quando não ao pessimismo. Isso tanto mais quanto mais claro fica que a técnica de fato não apenas experimenta com o homem e o manipula, mas concretamente se torna uma ameaça para sua existência e até mesmo sobrevivência. A destruição ambiental passou a ser discutida não por amor e respeito à natureza, mas porque o próprio homem vê aniquiladas as fontes de sua subsistência.

O protesto ocorre em nome do homem. O ser humano tem uma dignidade, um valor. Fere a dignidade do homem quando ele é manipulado. O valor do operário é desconsiderado quando é submetido uma vida inteira a um trabalho mecânico. O homem como sujeito é deslocado quando se transforma em consumidor. A autonomia é perdida, quando nações inteiras são submetidas ao poder de empresas multinacionais. Poder-se-iam multiplicar os exemplos. Mas basta constatar a esta altura que “é preciso . . . pensar uma sociedade em que a participação e a criatividade do homem sejam as mãos que desmantelam a tecnologia como sistema para imediatamente depois empunhá-la como ferramenta” (18). Surge daí também o apelo no sentido de que os técnicos não devam ser apenas técnicos, pois o problema da técnica “nos faz topar dentro dela, como com o caroço num fruto, com o raro mistério do ser do homem” (19). Por isso também é freqüentemente externada a preocupação com a reforma educacional brasileira; teme-se a perda do valor humanista com a acentuada redução da educação geral.

A crescente preocupação pelo homem é então tomada em conta, pelo menos exteriormente, pelos programas políticos, como por exemplo na nova administração de Porto Alegre, que lançou o programa Porto Alegre Ur-Gente, cuja finalidade seria tornar a metrópole mais humana. Interessante também é observarmos como o próprio sistema tecnológico, contra o qual o protesto se levanta, tenta capitalizar para si a preocupação externada. Sempre mais propagandas utilizam o argumento do benefício para o homem daquilo que se quer vender. Por exemplo, em Visão de 12-5-1975, encontramos na contra-capa significativo anúncio. Um pequeno mapa dos arredores industriais de São Paulo, uma pequena foto de uma alegre criança brincando e uma foto maior de cirurgiões e enfermeiras em plena atividade. A manchete é: “Cristina foi atropelada. Como salvá-la?” O texto então diz que “Cristina sempre gostou de brincar fora de casa”. “Na semana passada Cristina foi atropelada . . . quando brincava na rua.” Ela possuía “um dos mais raros tipos de sangue” e só uma transfusão poderia salvá-la. “Hoje Cristina já está fora de perigo. E não vê a hora de sair da cama. Pra brincar na rua.” A quem se deve esse verdadeiro milagre? Pasmem: “Tudo isso graças ao Plano Nacional de Telecomunicações que está sendo desenvolvido e implantado pela EMBRATEL, com equipamentos fornecidos e instalados pela

18 — Alves, o. c., pág. 24s.

19 — Ortega y Gasset, o. c., pág. 32.

NEC do Brasil, nos setores de comutação, transmissão e outros." Pois "na mesma hora" um telefonema para outro município, "única solução possível", tinha resolvido o assunto. E o anúncio conclui: "A NEC é isto: gente buscando novas soluções para tornar a vida mais fácil e mais humana" (20). Quer dizer, o anúncio não só sugere que a NEC não é uma gigantesca firma anônima, mas "gente", como também que tornar a vida de Cristina "mais fácil e mais humana" não é proporcionar-lhe um lugar seguro para brincar, mas que ela a cada novo atropelamento possa ser salva, graças à NEC...

Voltemos ao protesto humanista contra o sistema tecnológico. Ele naturalmente não visa à supressão pura e simples da técnica, pois não existe homem sem técnica. "O homem, queira ou não, tem que fazer-se a si mesmo, autofabricar-se" (21). E isso é técnica. Mas, protestos e apelos pressupõem que, colocando o homem no centro, humanizando as relações entre os homens, a técnica como fim será desmantelada, e recuperada como instrumento. Quer dizer, o otimismo tecnológico é substituído pelo otimismo humanista. O humanismo caracteriza-se precisamente por destacar a capacidade do homem de decidir, de se auto-reger (22). Mas esse otimismo fundamental quanto ao homem teria sua razão de ser? Bastaria destacar os valores do homem, para curar os malefícios da técnica? Qual seria, a rigor, a chance de êxito nesse empreendimento, se o próprio homem está afastado de seu verdadeiro ser, encontra-se em estado de radical alienação? De fato, o otimismo em relação ao homem não é menos um postulado apriorístico do que o otimismo tecnológico. Movimentamo-nos como se nossa alternativa fosse ou otimismo tecnológico e pessimismo humanístico ou então pessimismo tecnológico e otimismo humanístico. Em verdade, cada um dos membros dessa alternativa é uma contradição em si. Se recorremos ao otimismo quanto à técnica, é porque estamos desiludidos com o próprio homem e queremos paradoxalmente vencer a desilusão através do produto das mãos humanas, a técnica, concedendo-lhe a autonomia, para a qual nos reconhecemos incapazes. A tentativa não dá certo, não pode dar certo. A tecnologia se torna tão desumana quanto o homem, do qual se quis fugir. Se, inversamente, queremos nos socorrer com o otimismo humanístico contra a tecnologia, que é obra das mãos humanas, acabamos nos dando conta de que nosso intento é irreal (23) e mero fruto da projeção de nosso desejo.

20 — Destaque dado por mim.

21 — Ortega y Gasset, o. c., pág. 44.

22 — Foi precisamente esse aspecto que Erasmo, em sua Diatribe, destacou contra Lutero e que o impediu de se incorporar na Reforma. O aspecto teológico da liberdade ou escravidão do homem diante de Deus tem também os seus reflexos na vida entre os homens, em seu relacionamento para com a natureza e para com a técnica. Cf. a esse respeito, Hans Joachim Iwand, "Studien zum Problem des un-freien Willens", em: *Um den rechten Glauben* (München, 1965), pág. 53-61, onde o autor corrige o malentendido de que Lutero seria determinista mas também aponta para os reflexos correspondentes na esfera humana da servidão da vontade em relação a Deus.

23 — Alves, o. c., pág. 25: "Este pode parecer um ideal utópico impossível. Mas somente pensando o impossível, o disfuncional, seremos capazes de nos libertar do fim da história. Não podemos nos esquecer de que as utopias amiúde não passam de verdades prematuras" (Lamartine)."

A essa contradição foge o modelo da coordenação positiva de humanismo e tecnologia. Seu programa é simples e pode ser reduzido a dois elementos: tecnologia a serviço do homem; e, inversamente, o homem — senhor da tecnologia. Parece ser essa, sob os incentivos — quando não aplausos — da Oposição, a meta declarada do atual governo brasileiro, seja em pronunciamentos do presidente Geisel, seja nas prioridades do II Plano Nacional de Desenvolvimento. A diferença entre Governo e Oposição, neste particular, parece residir no fato de que o Governo tenta alcançar esse objetivo organicamente, a partir do programa tecnológico de desenvolvimento, caracterizado na posição 1, “corrigindo suas distorções” (24) através de “instrumentos reguladores”, enquanto que a Oposição questiona a possibilidade dessa evolução orgânica, a partir das premissas humanistas, esboçadas na posição 2.

De qualquer modo, há o empenho por tecnologia própria. O Brasil precisa dela por uma questão de soberania, para não ficar sujeito àqueles países ou àquelas empresas multinacionais que dispõem de tais recursos e know how. Quer dizer, a posse da tecnologia acarreta poder, de modo que somos levados à pergunta: quem detém o poder? E a mesma pergunta que vale para as relações internacionais, vale também para as relações dentro do país. Quem detém o poder tecnológico? Ou, aplicado ao problema educacional: a profissionalização implantada pela reforma visa a ampliar, democratizar o exercício do poder sobre a tecnologia ou a enquadrar elementos qualificados dentro de um sistema tecnológico já estruturado e em expansão? A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei 4.024, de 20-12-1961) dá ênfase na primeira hipótese, ao fixar em um de seus artigos ainda em vigor, como uma de suas finalidades: “O preparo do indivíduo e da sociedade para o domínio dos recursos científicos e tecnológicos que lhes permitam utilizar as possibilidades e vencer as dificuldades do meio” (25). Em contrapartida, a Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino de 1.º e 2.º graus (lei 5.692, de 11-8-1971) parece colocar a ênfase na segunda hipótese, ao estabelecer o programa de habilitação profissional “conforme as necessidades e possibilidades concretas” (26), “em consonância com as necessidades do mercado de trabalho local ou regional” (27), podendo haver “regime de cooperação com as empresas” (28).

Entretanto, aí já estamos antecipando observações que serão feitas mais adiante. Importa agora constatar que, ao que tudo

24 — Nesse sentido o presidente Ernesto Geisel, em seu discurso de 30-12-74 (Jornal do Brasil, de 31-12-74, pág. 5). Igualmente nesse discurso, citando manifestação do início de seu governo: “O homem brasileiro, sem distinção de classe, raça ou região onde viva e trabalhe é o objeto supremo de todo o planejamento nacional.” Significativa é a escolha do termo “objeto”, excluindo “sujeito”.

25 — Art. 1.º, letra e, em: *Habilitações Profissionais no Ensino do 2.º Grau*, publicação do MEC (Brasília, 1972), pág. 31.

26 — Art. 4.º, *ibid.*, pág. 14.

27 — Art. 5.º, § 2.º, letra b, *ibid.*, pág. 15.

28 — Art. 6.º, *ibid.*, pág. 15.

indica, sempre pulamos da posição 1 para a posição 2, e vice-versa, no intento de alcançarmos a posição 3: a coordenação positiva de homem — técnica. Vemo-nos na necessidade de acentuar ora a formação técnica, ora a preservação dos valores humanos. A síntese que queremos, não a atingimos. Por que não?

Ocorre que a premissa do otimismo, que se encontra na base de todas as três posições, não confere com a realidade e por isso somos forçados sempre de novo a novos reajustes. Nosso otimismo reflete a intenção de Deus com a criação do homem e dos recursos (29), mas não faz jus à situação real presente do homem e do mundo radicalmente alienados do propósito de Deus. Se na criação o mundo é dado ao homem como instrumento para seu benefício (30), com a queda do homem ocorre um rompimento entre homem e técnica. O homem não utiliza mais a técnica simplesmente como instrumento de domínio da natureza, visando à utilização de seus recursos para o bem comum, mas como instrumento de seu propósito absolutista. O homem não quer que Deus seja Deus, mas quer ele mesmo ser Deus (31). Nesse propósito o semelhante se torna um rival para o homem, de modo que ele emprega agora a técnica contra seu semelhante. A técnica passa a ser instrumento cobijado e disputado de poder. Nessa disputa é subvertida a ordem da criação, a luta competitiva passa a ser uma questão de sobrevivência de uns às custas dos outros, de modo que no conflito extremo a utilização da técnica não é refreada nem mesmo quando ela passa a destruir o espaço vital do próprio homem, ou seja, a natureza. O que no propósito divino era o exercício de liberdade e possibilidade humanas passou a ser a maldição do homem: ficar dependente da sua técnica e por ela escravizado (32).

#### — IV —

Por isso o relacionamento entre o homem e a técnica não pode simplesmente ser coordenado positivamente. Ele se encontra em tensão. Podemos, é bem verdade, estabelecer a tese da primazia do homem sobre a técnica que ele utiliza. Mas o simples estabelecimento da tese não acarreta sua concretização. Na realidade

29 — Müller-Schwefe, o. c., pág. 6, observa que não casualmente a técnica se desenvolveu no mundo ocidental, sob influência da mensagem bíblica a respeito do Criador, que se distingue da criatura, mas lhe confere máximo valor. Deus delega à liberdade do homem a transformação constante do mundo.

30 — Cf. o elemento de desmitologização no relato sacerdotal da criação (Gn 1, 1-2, 4a), exposto por Gerhard von Rad em seu comentário *Das erste Buch Mose, NTD 2* (Goettingen, 1961), pág. 50-53.

31 — Esta é uma das teses centrais de Lutero: "Non potest homo naturaliter velle deum esse deum, immo vellet se esse deum et deum non esse deum" (WA 1, 225; *Disputatio contra scholasticam theologiam*, 1517, tese 17).

32 — A esta altura não faz mais muito sentido arrazoar sobre quem é o culpado e quem é a vítima. Basicamente vale o que escreve H. Thielicke, o. c., II/2, pág. 213: "O poder como tal não é nem mau nem bom; ele não o é, tampouco, como o instinto sexual (libido) e a técnica são maus ou bons, demoníacos ou divinos. É o erro do homem, que não divisa mais o horizonte de si mesmo — esse horizonte determinado por juízo e graça, queda no pecado e redenção —, tornar o bem e o mal em propriedades de coisas, espaços de vida e leis materiais, ou seja, de esferas extra-hominem, falando de processos trágicos em vez de decisões culposas." (Cf. a crítica a essa posição, através da ridicularização, por McLuhan, em Alves, o. c., pág. 158.) Contudo, efetivamente na ordem do mundo caído estabeleceu-se um círculo vicioso, de modo que o homem também se torna vítima de sua própria obra culposa.



pode ocorrer — e sempre de novo ocorre — a inversão: o homem se transforma numa função da técnica. Homem e técnica, ambos, estão alienados da realidade intencionada por Deus. O homem pode almejá-la. Mas não está em seu poder realizá-la.

Por isso não basta fortalecer o humanismo. Sabemos que o humanismo, ao destacar valores, dignidade e capacidades do homem, liberou enormes potencialidades até então desaproveitadas no homem, também no campo da técnica (33). Mas o humanismo também tem, por isso mesmo, fomentado um processo de elitização (34). Elitização tem significado amiúde também — e em nosso meio em especial — marginalização das massas da cultura.

Destarte, o próprio humanismo tem fornecido também os instrumentos, para que a elite por ele formada se aproprie da técnica, racionalize seu emprego e tente subjugar a maioria, profissionalizando-a apenas para servir de um bom instrumento não-contestatório e funcional como engrenagem numa máquina bem montada. Significativo, neste ponto, é o emprego que faz o Conselho Federal de Educação do termo humanismo, em seu Parecer 853/71 (35). Aí o humanismo é restringido ao conteúdo da educação geral que visa à continuidade dos estudos. A parte de formação especial, por seu turno, não está submetida aos valores humanistas, mas visa a “aptidões e iniciação para o trabalho” e “habilitação profissional” (36), caracterizando a terminalidade, isto é, a passagem para o processo produtivo. Acrescente-se que, segundo a lei (37), a parte de formação especial deve predominar no 2.º grau sobre a parte de formação geral, podendo ser esse o caso já no 1.º grau, quando “fatores sócio-econômicos e psicológicos” o indicarem (38). Desse modo a esfera de alcance do humanismo é paulatinamente restringida com o avanço dos anos de estudo, atingindo um círculo cada vez mais restrito da população, sendo de alcance praticamente nulo quando se passa para a atividade profissional. Parece-me que precisamente isso foi visto agora pelas autoridades competentes. A Política Nacional Integrada de Educação, documento divulgado pela MEC, a 28 de maio do corrente, observa: “Não seria desejável, a esta altura, propor mais uma reforma, quando as duas em implantação ainda estão longe de produzir todos os seus efeitos. É indispensável, todavia, um amplo esforço de acompanhamento, para que os princípios da educação humanística não sejam engolfados pela maré montante do profissionalismo tecnicante, a fim de que a educação geral não seja marginalizada pela especial” (39).

33 — Não é casualidade que a Renascença, com seu ideal humanista, também tenha acarretado notável avanço tecnológico. Leonardo da Vinci, por exemplo, aliou em sua própria pessoa ambos os elementos. Cf. Müller-Schwefe, o. c., pág. 8s.

34 — Nesse sentido, um expoente é, se o vejo bem, Guilherme von Humbold (1767-1835), com seu ideal pessoal e educacional do valor humano (Humanität).

35 — Em: *Habilitações...*, pág. 50.

36 — Referência feita ao Art. 5.º, § 2.º, letra a, da lei 5.692.

37 — Art. 5.º, § 1.º, letra b, em: *Habilitações...*, pág. 15.

38 — Parecer 853/71 do Conselho Federal de Educação, *ibid.*, pág. 50.

39 — *Correio do Povo*, 30-5-75, pág. 8.

Em verdade o problema não se resolve com dosagens de humanismo e profissionalização. Deve tratar-se de duas perspectivas que determinem o todo do processo educacional. O humanismo em si é tão problemático quanto a profissionalização em si. Seria por demais simples, portanto, apenas destacar o papel humanista de nossas escolas evangélicas (ou particulares em geral). Esse papel, justamente pela elitização fomentada, tem sido problemático no passado e só tem aparência de relevante dentro do quadro educacional e econômico atual no Brasil.

O que se pode fazer então? O que pode o Estado fazer e determinar para o processo educacional? O que podem fazer nossas escolas evangélicas?

Se o homem está profundamente alienado em seu ser, ele de fato não poderá fazer mais do que sucessivamente pular da posição 1 para a 2 e vice-versa, tentando atingir o equilíbrio da 3 (40). O homem é então condenado ao otimismo, seja tecnológico, seja humanista. Caso contrário, só lhe restariam a frustração e o desespero. Conhecemos esses fenômenos, também em nosso tempo, mas o homem tenta superá-los com o recurso à esperança e ao otimismo. Embora não seja essa a realidade última do homem, ela é sua realidade presente. Por isso, o cristão, bem como as escolas evangélicas deverão estar atentas, para destacar a necessidade maior ora de um, ora de outro elemento. A reforma educacional enfatizou a profissionalização. Neste particular, pelo menos até o momento, ela tem deixado de atingir os seus objetivos. E é duvidoso que ela o consiga dentro da presente configuração social maior do país. Pois a causa de suas limitações não se deve apenas — nem primordialmente — a deficiências estruturais (falta de recursos materiais e humanos), mas sobretudo ao fato de que os próprios alunos e pais não desejam a profissionalização. E não a desejam com razão, por um sentimento irrefletido de que estariam sendo degradados a engrenagens num sistema. Pretendem então ingressar na faculdade. Almejam subir a profissões mais valorizadas social e pecuniariamente. Almejam usufruir da tecnologia e não ser seus servidores. Por isso também a profissionalização se torna mais problemática nas escolas particulares do que nas públicas, embora por vezes os recursos sejam melhores nas primeiras. Observamos assim que a inclusão de um elemento formalmente democrático — ampliação das possibilidades e do alcance educacional —

40 — O homem não apenas não querará abdicar dessa tentativa, como nem sequer poderá querê-lo (cf. citação de Lutero na anotação 29), tão radical e absoluta é sua alienação. Residem aí os limites do artigo, várias vezes indicado, de Rubem Alves. Com os negros dos Estados Unidos ele crê ser possível criar uma sociedade livre e justa a partir dos homens (o. c., pág. 22s.), como também crê ser possível a partir do homem manter a consciência de relatividade do produto e portanto um pensamento crítico a ele (pág. 23s.). Essa é a sua premissa, a da Diatribe de Erasmo. De nossa parte não se trata de contrapor a seu otimismo desesperado — assim poderíamos caracterizar sua confiança no homem — um pessimismo conformado, pois ambos teriam como pano de fundo o não-contar com a existência de Deus. Cremos na realidade e eficácia de um otimismo teocêntrico, para o homem, a partir do que, contudo, fica de antemão — e não só a posteriori — relativizada toda obra do homem. Esse otimismo teocêntrico que relativiza a obra do homem, justamente ao libertá-lo para obras relativas e de antemão não-absolutas, provém do evento de Jesus Cristo, de sua morte e ressurreição. Desenvolver esse aspecto, porém, ultrapassa os limites do presente trabalho.

dentro de uma ordem social e econômica problemática, não leva à correção desta, mas à absorção daquele. Inversamente, também de pouco adiantará simplesmente acentuar os valores humanistas dentro da mesma ordem problemática de valores sociais e econômicos. Não se pode isolar a escola da sociedade que a rodeia, como não se pode isolar o problema educacional do sistema social e econômico.

O papel da escola será, pois, preservar a visão global, aberta e crítica, da estrutura social e, dentro dela, destacar ora a técnica, ora o homem, visando a uma coordenação positiva aproximativa, relativa e provisória. Se o homem está radicalmente alienado em seu ser, vai viver sempre de novo na ilusão de que é capaz de coordenar positivamente tecnologia e humanismo, não só aproximativa, relativa e provisoriamente, mas de modo pleno, absoluto e permanente. E é justamente aí que surge a ideologia, a competição, o emprego da força, o uso da técnica como arma em vez de instrumento, a desumanização.

O cristão, a partir da visão realista da fé, centrada na dignidade e na responsabilidade da criatura diante do Criador, mas também no conhecimento da ruptura do relacionamento do homem para com Deus, irá manter a consciência crítica e transmiti-la adiante. Irá desmascarar o absoluto de ideologias e programas educacionais, reduzindo-os ao seu papel relativo, provisório e sempre questionável. Nossas escolas evangélicas, na medida em que forem frutos dessa fé, poderão encontrar aí razão última de ser, o que em verdade ultrapassa as possibilidades do homem radicalmente alienado e por isso mesmo em estado de ilusão. Não ultrapassa, porém, o que o Criador revela à fé. Ao contrário, a fé é essa possibilidade.